

LE

ESEUDANTE



Qase todos nós vivemos, ou, pelo menos, tomámos conhecimento, dos acontecimentos de "perturbação da vida Universitária" no decorrer do ano passado;

assalto à Associação do Técnico pela Pide
Plenários vários que se seguiram
reinvindicação dos 8 pontos— Tomada da Bastilha
não homologação da direcção eleita pelos estudantes de Direito
a crise de Coimbra
o fecho dos cursos do ISCSPU e da Associação dos estudantes
etc.

Isto fez com que muitos estudantes, parte dos quais pela primeira vez, tivessem o seu primeiro encontro com uma movimentação associativa. Iniciaram-se na compreensão do papel das reuniões colectivas de estudantes (Plenários) na conduta da luta estudantil contra a repressão violenta das autoridades; aperceberam-se da existência duma orgânica interna do movimento estudantil— estruturas federativas englobando as diversas Faculdades— donde surgiam propostas, palavras de ordem, contra propostas, contra palavras de ordem, etc.. Dum momento para o outro uma grande massa de estudantes viu-se a si própria na situação de receptores dessas propostas, de ter que as analisar precariamente, e de as aceitarem (ou não) como forma de condução da sua luta. No entanto começava-se a criar um certo véu à volta de tais estruturas, de cujo funcionamento ninguém se apercebia muito claramente, assim como da forma como eram elaboradas as suas propostas.

Este fosso criado entre a estrutura orgânicamente dirigente, composto pelas diversas direcções das AAEE e esta massa estudantil veio a traduzir-se numa desmobilização progressiva face às suas palavras de ordem. Por outro lado, embora de uma forma igualmente desconhecida ou pouco clara para todos nós, as próprias divergências de fundo no seio destas estruturas de topo vieram a produzir uma paralização na sua actividade, aparecendo um largo período de tempo vazio de palavras de ordem bem concisas dirigidas aos estudantes, como o foram o 2º. e o 3º. períodos. Este facto tornou-se extremamente visível e realçado quando da crise de Coimbra e da falta de tomada de posição dessas estruturas sobre a forma de apoiar o movimento dos estudantes dessa academia.

Cientes cada vez mais do perigo que esta paralização das RIA (Reuniões inter associações) representava para os estudantes e a sua luta defensiva, procuram actualmente inúmeros colaboradores e algumas direcções associativas desenvolver um amplo trabalho de crítica e informação sobre o ano passado, de forma a que os estudantes possam compreender o verdadeiro significado das divergências havidas, das verdadeiras razões de se ter criado esse fosso, e evitar assim que os estudantes sejam arrastados a verificações simplistas do género "deixem-se de discussões e façam alguma coisa" ou "é preciso é unidade" — sem se aperceberem que unidade é que é possível e sem se aperceberem que essas "discussões" são vitais para todos nós, pois delas pode depender a correcção duma linha de con-

duta da luta estudantil e consequentemente do seu sucesso.

Este trabalho de informação e crítica está traduzido nos actuais "meetings" (encontros de estudantes) que se estão realizando. (3 já se realizaram, de que foi feita oportunamente propaganda, embora deficiente). Acontece que nestes 3 meetings já realizados se verificou ainda uma participação colectiva deficiente em face do que seria para desejar. O sistema "falam dirigentes, os estudantes ouvem", infelizmente aparece ainda como regra geral. Diversas razões se podem apontar para este fenómeno - aliás já tradicional e quase que imbuído de uma lei de inércia - neste caso concreto (meetings). Elas podem-se procurar no teor das intervenções mais marcantes, pois estas, efectuadas por pessoas próximas dessas estruturas de topo, e portanto amplamente conhecedoras do seu ambiente, não encontram eco possível em estudantes sem a mesma vivência, e que se sentem portanto incapazes de avançar juízos críticos sobre os assuntos em debate. Podem-se procurar igualmente na inibição de estudantes não habituados a expor, perante muita gente junta, os seus raciocínios, em face de intervenções cheias de à vontade e muitas vezes com frequente utilização de certos vocábulos "técnicos" (estudantis, económicos e políticos) por parte de colaboradores mais experimentados.

Face a esta última, apenas um esforço mútuo no sentido, uns de se exprimirem (mesmo que sem aparatos oratórios) e outros de reduzir esse mesmo aparato oratório, pode fazer com que ela desapareça.

Mas quanto à primeira razão exposta, já é possível limitá-la exercendo um amplo esforço de esclarecimento sobre o que é e o que foi exactamente esse tal ambiente de "discussões" das RIA; e doutras estruturas dirigentes associativas, federativas ou não, assim como do seu funcionamento e das suas atribuições específicas. Como exemplo dir-se-á que muitos estudantes ficariam surpreendidos ao saberem da existência de diversas estruturas federativas ligando as respectivas secções das AAEE. Assim há a referir : as Reuniões INter - Informativas, as R:I. Culturais, Pedagógicas, Convívios, etc. (RII, RIC, RIPed, RICon). Algumas funcionam outras não, e outras ainda e apenas de vez em quando... pouco ou nada disso foi informado aos estudantes em geral.

É exactamente por isso que se vai tentar fazer hoje, 6ª feira, às 18 horas, na Associação, uma sessão com todos os estudantes que aí comparecerem - dado que é um assunto importante para todos nós - onde se tentará iniciar um esclarecimento e informação sobre estas questões e igualmente sobre os "meetings" já realizados.

Aparece pois na Associação às 18 horas de hoje

A SECÇÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES

DA

A B F C L